

MICROSCÓPIO

Poder-se-á duvidar de que, algum dia, venha a paz a reinar sôbre a terra. Poder-se-á afirmar que os homens serão sempre as mesmas béstas-feras, a entre-devorar-se periódicamente. Mas o que razoavelmente não se pode é fundar a paz no mesmo e velho mundo da guerra. Para que ela se possa estabelecer e prosperar, necessário se faz criar um mundo novo. Os conflitos armados não surgem por capricho ou acaso, nem pela vontade de um só homem ou de uma só nação, mas resultam sempre de um conjunto de condições mais ou menos poderosas e difusas. Portanto, se realmente se quer a paz, preciso se faz suprimir as condições, os fatores que levam à guerra. Cumpre, em suma, ter a coragem de abandonar o velho mundo, com as suas abusões, para poder construir o mundo novo, com os seus ideais.

Réalmente, enquanto se teimar em manter o conceito da absoluta soberania das nações, já em aberta contradição com as realidades da vida internacional, enquanto não se der uma organização jurídica às relações entre os estados, enquanto a fôrça armada continuar sujeita ao exclusivo arbítrio dos govêrnos, em vez de estar a serviço da comunidade das nações, a paz continuará a ser uma rematada utopia. Utopia — entenda-se bem — não por ser em si mesma irrealizável, mas por tal a fazerem as atuais condições políticas do mundo, que cegamente se persiste em conservar.

Esta coisa clara e cristalina, que todos podem enxergar, só a não vêem e compreendem os estadistas que dispõem atualmente dos destinos da humanidade. E' o que, num dos seus últimos artigos, afirmou a notável jornalista Dorothy Thompson. A solução (diz ela) seria uma organização internacional universal, de caráter representativo, com capacidade para elaborar e aplicar as leis e cujas determinações seriam garantidas por um exército próprio, constituído por quotas. Mas — adverte a jornalista americana — se para esta solução estão preparados os povos, como o demonstraria cabalmente um plebiscito, não o mesmo succede com os dirigentes, que a repudiam a priori.

Assim, a maior dificuldade para o estabelecimento da paz e da segurança que ela pressupõe, não está nos sentimentos populares, nem nas condições econômicas e sociais do mundo, mas na estreita e emperrada mentalidade dos governantes. Notável exemplo, êste, de como, nas questões fundamentais, os povos sentem e percebem melhor do que os seus presumidos diretores.

RAUL PILLA

12-7-44